

Por dois minutos.
Juliana Fernandes Gontijo.

— Filho, saia cedo amanhã, viu?

— Lá vem a senhora, de novo, pedindo para eu levantar cedo.

— O trem sai às 7 horas.

— Sai nada. Todo mundo fala que ele atrasa.

— Vai acreditar em todo mundo? Atrasa não, filho. O seguro morreu de velho!

— Mãe, eu e o Laerte vamos pegar o táxi às 6:30. Vai por mim, dona Mercedes. Rapidinho a gente chega.

— Danilo, Danilo! Depois não diga que não avisei.

No dia seguinte, os dois amigos pegaram o táxi para a estação no horário combinado.

No entanto, um acidente causou um engarrafamento na principal avenida da cidade, atrapalhando todo o trânsito da região. O trajeto que deveria ser feito em 15 minutos, durou 25. Ao chegarem na estação, às 6:58, eles desceram correndo a escadaria e, ao pisarem na plataforma, o trem já estava em movimento.

Eles gritaram juntos:

— Não! Bem a minha mãe me falou, Laerte! E eu achei que o trem só estava chegando para a entrada dos passageiros.

— E praga de mãe pega! — Disse o amigo.

— Eita boca, mãe! Perdemos o trem por dois minutos. — Falou Danilo ao telefone.

— Eu avisei, filho! Já falei que adoro falar esta frase, né?

— Ah, mãe não enche, vai? Tem um perueiro aqui dizendo que vai para uma das cidades onde o trem passa e vamos fazer o trajeto com ele. O cara cobra a metade da passagem do trecho.

— Filho, pelo amor de Deus! Tenha cuidado vocês dois, e vai me dando notícias. Há muito motorista irresponsável por aí.

— Mãe, sabe que eu amo a senhora? A gente chega mais rápido de carro. Lá é só esperar o trem passar e continuar viagem. Com Deus!

— Amo você, meu filho. Vou rezar para Nossa Senhora da Boa Viagem dar proteção a vocês.

— Amém. — Danilo desligou o telefone.

— Vai para Santo Antônio do Pilar? — Disse Laerte ao perueiro que gritava o nome de algumas cidades que faziam a rota do trem.

— Não ouviu, não? Vou sim! Dinheiro no meu bolso primeiro, depois entra no carro. — Falou o motorista.

— Como? Pagar primeiro? — Indagou Danilo.

— Aqui é igual ônibus. Paga primeiro; viaja depois! São 90 contos por pessoa e a bagagem dão 120 reais.

— Opa! Alguém falou ali embaixo que seu bilhete era mais barato que o trem e os outros perueiros daqui.

— A perua é minha, eu cobro o tanto que eu quiser!

De dentro do veículo, um homem gritou:

— Vai sair logo, não? Tenho horário marcado no dentista.

— Problema seu, aí, camarada! Saio a hora que eu quiser!

Os dois amigos se olharam um pouco preocupados, pagaram o motorista e entraram no ônibus em silêncio.

O motorista parecia um homem transtornado e, aos gritos, deu as instruções:

— Não quero criança chorando! Rádio alto, só o meu! Sujou o banco ou o chão de comida, vai limpar.

Os passageiros ficaram meio assustados com tamanha falta de educação do homem, mas não houve comentários.

A perua seguiu viagem. A cada curva, um susto. E o motorista esbravejava pela janela:

— Sai da frente que atrás vem gente!

No fundo do veículo, uma criança de uns 5 anos começou a chorar. A mãe pedia que ela parasse de chorar. O motorista, enquanto pisava no freio bruscamente, falava alto:

— Já disse que não quero choro de criança! A próxima vez, vai ficar na estrada.

A criança, assustada, deu um soluço e parou de chorar. O silêncio voltou a tomar conta da perua.

— Cuidado aí, motorista! — Gritou uma mulher ao ver um boi cortando a estrada.

— Problema não, dona! Se morrer, é só pegar a carne e fazer churrasco depois. O que sobrar dá um bom despacho de encruzilhada.

— Motorista maluco. — Falou uma senhora baixinho com Danilo.

— Estou ouvindo tudo aí atrás, hein? A porta da perua é a serventia da casa!

Laerte segurou firme a mão de Danilo e da senhora que estava ao lado deles.

Algumas pessoas começaram a rezar baixinho e o motorista não gostou:

— Já pedi silêncio. Querem rezar? Que façam em pensamento. Deus não é surdo!

O medo das pessoas aumentava com o nervosismo do motorista, porém, nada retrucavam.

— Paaaaaaaaaaaaaaaaaaaaam! — Todos assustaram e o motorista também. Ele rapidamente abriu o porta-luvas, pegou um revólver, apontou para o céu do lado de fora da janela e deu dois tiros.

A criança voltou a chorar. O povo começou a rezar em coro o “Pai-Nosso” como se fosse algo ensaiado. E o motorista gritou colocando a arma sobre o banco do carona:

— Eu pedi silêncio ou desce todo mundo da perua!

O que ele talvez jamais pudesse imaginar, aconteceu:

— Desce todo mundo da perua! Pare o carro! — Gritou um homem sacando outra arma que apontou ao motorista.

— Não paro, não! Quem o senhor pensa que é?

— Tenente Garcia! O senhor está preso! Nome completo!

— Alfonso-so-so-so... Pe-pe-penido! — Disse o motorista gaguejando ao pisar no freio bruscamente.

— Senhoras e senhores, eu preciso que todos desçam do veículo para que eu possa chamar uma viatura e efetuarmos a prisão do meliante. — E, dirigindo-se ao motorista para colocar as algemas:

— O senhor está preso por tentativa de homicídio e direção perigosa.

As pessoas já estavam no acostamento da estrada. Alguns retiravam os pertences e o motorista dizia:

— Eu não fiz nada. Não matei ninguém.

O policial pediu que todos permanecessem juntos perto do acostamento quando a viatura chegou.

— Preciso do nome de todos para devolver o dinheiro que este meliante usurpou de todos, incluindo o meu.

Danilo e Laerte, receosos com problemas com a polícia, pois o passado deles não era lá estas coisas, saíram de fininho pelo mato adentro, deixando a perua e aquela viagem cheia de transtornos para trás.

Andaram por três dias e três noites sem saber por onde passavam.

Como uma tromba d'água que estava para chegar, eles pararam num boteco à beira de outra estrada, uma vicinal. Pediram um telefone. A bateria já havia acabado nos dois aparelhos que eles possuíam.

— Mãe!

— Danilo! — Gritou Mercedes ao telefone. — Mandei a polícia atrás de vocês!

— Por pouco, a gente morria, mãe! Um motorista maluco quase matou a gente e mais 10 pessoas na perua, mas um policial...

— E vocês estão na delegacia? — Interrompeu Mercedes.

Laerte tomou o telefone das mãos do amigo e disse:

— A gente não poderia ir à delegacia, né, dona "Merça"! A senhora sabe que nosso passado não é lá essas coisas, né? Lembra daquela vez que... — Danilo pegou o telefone:

— Dá isso aqui, cara! Esse doido falando bobagem.

— Daquela vez, o quê? — Gritou a mãe. — O que aconteceu daquela vez?! Responde, Danilo Fagundes Junior!

— Nada não, mãe! Quando a gente chegar lá em Santo Antônio do Pilar, eu dou notícias. — Antes de desligar, ainda ouviu:

— Danilo! — Gritou novamente a mãe pelo telefone.

— Tum... tum... tum...

— Você, hein, Laerte? Precisava levantar defunto da nossa adolescência?

— Eu pensei que sua mãe soubesse e...

— E você acha que eu iria contar aquele absurdo que cometemos? Não sei o que será de mim quando eu voltar de viagem. Por dois minutos, nada disso teria acontecido!
